

# RECEPÇÃO E CRÍTICA: O *STATUS QUO* E O PARADOXO EDUCACIONAL DA CONTEMPORANEIDADE

## *RECEPTION AND CRITICISM: THE STATUS QUO AND THE CONTEMPORARY EDUCATIONAL PARADOX*

*Marcio Tadeu Girotti*<sup>1</sup>

**Resumo:** Trata-se de uma breve reflexão sobre o cenário atual da sociedade e dos aspectos educacionais em vista da inovação e da cultura digital. Partindo da notícia sobre o possível apagão de professores, buscamos traçar paralelos entre os principais atores que alimentam a discussão sobre as mudanças sociais: o professor, a escola e os alunos. Por meio de uma pesquisa qualitativa, levantamos questões que pudessem engendrar uma discussão sobre a ausência de professores para o processo de conhecimento, bem como a falta de profissionais para ocupar o mercado de trabalho, que, sem formação, não conseguem uma vaga de emprego. A discussão tem por base um recorte social que trata da relação entre o indivíduo, o trabalho e a formação educacional, considerando o aprendizado tradicional e as novas formas de aprender com a cultura digital. Como resultado, tem-se um paradoxo educacional, que reflete o conflito de gerações distintas convivendo em um mesmo tempo e espaço.

**Palavras-chave:** Educação. Tecnologia. Geração. Trabalho. Inovação.

**Abstract:** It is a brief reflection on the current scenario of society and educational aspects in view of innovation and digital culture. Starting from the news about the possible blackout of teachers, we seek to draw parallels between the main actors that feed the discussion about social changes: the teacher, the school and the students. Through a qualitative research, we raised questions that could engender a discussion about the absence of teachers for the knowledge process, as well as the lack of professionals to occupy the labor market, who, without training, cannot get a job. The discussion is based on a social approach that deals with the relationship between the individual, work and educational training, considering traditional learning and new ways of learning with digital culture. As a result, there is an educational paradox, which reflects the conflict of different generations living in the same time and space.

**Keywords:** Education. Technology. Generation. Job. Innovation.

## **Introdução**

A sociedade do conhecimento se mostra como sociedade da informação atrelada à tecnologia visando resultados imediatos, tendo por consequência a fadiga do trabalho exaustivo em ensinar e aprender com a cultura vigente.

Não mero acaso, a nossa cultura atual, a cultura digital, transita no universo entre gerações diferentes que convivem no mesmo espaço e dividem as mesmas frustrações: por

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Filosofia pela UFU. Graduado e Mestre em Filosofia pela UNESP. Doutor em Filosofia pela UFSCAR. Pedagogo pela UNIFRAN. FAMEESP/FATECE. E-mail: girotti\_mtg@hotmail.com

um lado a geração *TikTok*, alimentada pela tecnologia e pela ansiedade que leva ao imediatismo; por outro, a geração transitória, que aprende a usar a tecnologia e se limita aos recursos necessários para sobreviver dentro da selva digital; além dessas duas, há a geração que nasceu sem tecnologia e assiste as inovações como algo que não as atinge diretamente, atribuindo ao outro o seu uso.

Nesse ambiente, busca-se interpretar o atual cenário da sociedade atrelado ao cenário educacional, entendendo que as mudanças sociais implicam em mudanças educacionais, trazendo à tona o papel do professor, do aluno, da escola e suas relações com o mercado de trabalho e o advento da tecnologia.

Para o debate, trazemos autores como Teixeira (1978), Aranha (2006), Valente (2018), Moran (2015), Han (2017) entre outros, que destacam, cada um à sua maneira, como as mudanças na sociedade e na educação moldam as pessoas que dela participam, bem como as inovações tecnológicas colocam em evidência o choque de gerações e as diversas perspectivas que recepcionam o novo e refletem sobre o passado transitório.

O resultado que podemos obter é entender que vivemos um paradoxo educacional, com distintas gerações atuando ao mesmo tempo, com os mesmos recursos, mas com usos diferentes desses recursos. Além disso, tal paradoxo reflete um futuro sem aquele que permite a descoberta do novo e o conhecimento do antigo, o professor! Ao mesmo tempo que percebemos que os jovens, a geração *TikTok*, está ligada a cultura digital, mas desprendida do aprendizado formal, que se tornou desinteressante e sem valor para construir uma carreira ou adquirir uma profissão.

Partiremos da premissa do possível apagão de professores, passando pela lógica do mercado profissional, compreendendo o conflito de gerações e as potencialidades da novidade fundamentada no uso da tecnologia imersos na cultura digital.

## 1. O apagão da consciência condicionante

A relação entre educação superior, mundo do trabalho, futuras gerações, inovações tecnológicas e os jovens na cultura digital nunca estiveram tão interligadas como na atualidade. Em estudo sobre a carreira no magistério, o SEMESP<sup>2</sup> faz um alerta que, não mero espanto, e já previsto, para o déficit de professores até 2040, que atingirá

---

<sup>2</sup> <https://www.semesp.org.br/pesquisas/risco-de-apagao-de-professores-no-brasil/>

um patamar assustador, dada as circunstâncias da extrema necessidade de professores, que lecionam e ensinam, já que, sem esse profissional, não há outros.

O estudo do SEMESP, noticiado por diversos meios de comunicação, como o *G1*, em matéria intitulada “*Brasil pode enfrentar 'apagão de professores' em 2040, diz pesquisa*”, aponta o apagão de profissionais licenciados para a área da educação, alertando para o fato do desinteresse por parte dos jovens em ser professor, bem como o envelhecimento da categoria, entre outros fatores<sup>3</sup>:

1. desinteresse dos mais jovens - de 2010 a 2020, diminuiu a participação de alunos de até 29 anos entre os calouros dos cursos de licenciatura (queda de 9,8 pontos percentuais, de 62,8% para 53%);
2. envelhecimento dos profissionais da categoria - o número de docentes com mais de 50 anos, que provavelmente se aposentarão em breve, aumentou 109% de 2009 a 2021 (a maioria já exercia o magistério, mas sem o diploma);
3. abandono precoce da carreira, devido aos baixos salários e às condições precárias de trabalho;
4. avanço do ensino à distância na faculdade - nessa modalidade, predominante desde 2016, as taxas de evasão são mais altas (de cada 3 alunos de EAD, um desiste no meio do caminho).

Segundo aponta a notícia que circulou no *G1* e em jornais da TV, afirma-se: “desinteresse dos jovens pelas carreiras de licenciatura, envelhecimento do corpo docente e abandono da profissão contribuem para que, daqui a menos de duas décadas, falem 235 mil professores na educação básica, prevê Instituto Semesp”<sup>4</sup>.

De fato, nota-se um desinteresse pela carreira docente, mas será que isso se deve somente às questões acima citadas? Não há outros questionamentos que podem desvalorizar o profissional e levar futuras gerações a nem cogitarem seguir nessa carreira?

Atualmente, fala-se em metodologias ativas, inovação, ações exitosas, indústria 4.0, *TikTok*, *Metaverso*<sup>5</sup> e redes sociais virtuais em geral. Tudo isso recai sobre a carreira de quem ensina, dado que ela precisa estar atualizada, antenada, reciclada, ou seja, pronta

---

<sup>3</sup> Cf. *G1.com*: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/29/brasil-pode-enfrentar-apagao-de-professores-em-2040-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2022.

<sup>4</sup> Cf. *G1.com*: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/29/brasil-pode-enfrentar-apagao-de-professores-em-2040-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2022.

<sup>5</sup> Metaverso é a terminologia utilizada para indicar um tipo de mundo virtual que tenta replicar a realidade através de dispositivos digitais. É um espaço coletivo e virtual compartilhado, constituído pela soma de “realidade virtual”, “realidade aumentada” e “Internet”. Cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaverso>

para toda mudança social que afeta a sociedade e, por conseguinte, altera o *modus operandi* da educação.

Inovações à parte, conscientes de que o mundo mudou e as mudanças estão aceleradas, podemos lançar mão de pontos de reflexão para compreender o possível apagão de professores, mas também o possível apagão da sociedade engajada com a vida e o que está à sua frente, bem como o comportamento do jovem dentro da cultura digital.

Fazendo um recorte de 100 anos, entre 1940 e 2040, podemos dizer que o mundo do trabalho e a formação educacional e profissional do indivíduo sofreram mudanças de acordo com a época e as oportunidades. Isso atrelado aos modelos educacionais presentes em nosso país. Todo profissional da educação sabe que passamos por dois momentos da nossa educação, sendo que ambos ainda se misturam, e não parece ser água e óleo. A saber: a educação tradicional e a escola nova.

Por educação tradicional se entende o ensino centrado no professor, aquele que detém o conhecimento, que ensina e toma nota do aluno. Já por escola nova, entende-se o aprendizado centrado no aluno, sendo ele o protagonista (ARANHA, 2006). E veja, para os que já entendem de inovação, atualmente, as metodologias ativas, que têm sua origem na escola nova, e não é coisa do século XXI, fala muito de protagonismo do aluno. Tendo isso em vista, vamos refletir sobre o nosso cenário atual.

Atualmente, de qual geração são os nossos melhores profissionais, os que estão melhor colocados no mercado de trabalho, recebem bons salários, possuem qualidade de vida, bons conhecimentos? Seria da geração bancária? Da famosa ‘decoreba’, do estudo para aprender um conteúdo e ser aprovado na escola? A geração que viveu a famigerada escola tradicional? Ou esses profissionais aprenderam com as metodologias ativas, com os tutoriais do *YouTube*, com os vídeos do *TikTok*?

Em resumo, nosso cenário atual nos mostra os jovens desinteressados pelos estudos, pelos métodos de ensino, pela escola em geral, eles não sentem atração pelo estudar, por adquirir conhecimento. Por quê? Talvez, porque há uma diversidade de formas para aquisição de conhecimento no mundo virtual, os tutoriais, cursos rápidos, casos de sucesso. Nosso jovem observa que para ser um *Youtuber*<sup>6</sup>, muitas vezes, não precisa de estudo formal, ter uma profissão diplomada, mas sim conquistar seguidores e aprender a fazer o que quer e disso transformar em trabalho.

---

<sup>6</sup> Personalidade que usa o canal do YouTube ou criador de conteúdos via YouTube.

Qual a consequência que esse cenário pode nos trazer? A consequência desse desinteresse da geração *TikTok*, dessa geração imediatista? Poderemos formar bons profissionais para o futuro recente? Profissionais bem formados, com conhecimento, que recebem bons salários, estão bem colocados no mercado de trabalho? Sim e não.

Ou seja, se fizermos uma análise radical, será que o bom profissional de hoje era o “decoreba” de ontem, o mesmo que não gostava de estudar pelo modelo tradicional, mas que aprendeu a decorar a tabuada e hoje sabe usar a matemática, o mesmo que não gostava da aula de ditado, mas hoje sabe ler e escrever muito bem. E o bom profissional do futuro? Esse, da geração atual, que não gosta de estudar nem com o uso da tecnologia, porque tudo é desinteressante e monótono. Haverá bons profissionais no futuro com esse nosso cenário atual?

Podemos inferir que na década de 1940, por exemplo, era mais comum os jovens ingressarem no mercado de trabalho sem qualquer estudo (como uma graduação, pós-graduação, conclusão do ensino fundamental e médio, ou com estudos mínimos), lançados a aprenderem com as experiências do trabalho exercido, aprendendo com aquele que já sabia a profissão, desenvolvendo-se para o serviço a ser prestado. Mas também, aquele que começava a trabalhar e se identificava com a profissão e buscava estudo.

Temos, com isso, dois cenários, às vezes, até concomitantes:

1. sem estudo ou pouco estudo, aprende uma profissão trabalhando na profissão;
2. sem estudo ou pouco estudo, aprende uma profissão trabalhando na profissão vislumbrando uma identificação com o trabalho, buscando estudo e aprendendo a profissão em sua teoria.

Tanto em um como no outro cenário, é possível transcender de empregado a patrão.

Estabelecendo outro recorte, mais atual, a década de 2020 mostra que o acesso ao conhecimento é ampliado e facilitado com o uso das tecnologias (a exemplo do Ensino a Distância – EaD), levando certos indivíduos a terem muito conhecimento, ótima formação, diversos diplomas, mas nem sempre há espaço para ele no mercado de trabalho, sempre com novas exigências para ocupar as vagas disponíveis.

Com isso, podemos inferir que hoje tem-se muita possibilidade de formação e acesso ao conhecimento formal, mas não há trabalho para todos, ou, há muito trabalho disponível, mas não há o trabalhador qualificado para aquele trabalho específico. Portanto, temos um paradoxo: há estudo, há trabalho, mas não há trabalhador!

Decifrando o paradoxo, poderíamos dizer que a solução seria: aprender a trabalhar na profissão, sem estudo aprofundado, podendo estudar trabalhando, ou seja, aprender aprendendo e estudando para melhor aprender. Mas se isso estiver correto, voltamos a década de 1940?

Esse cenário nos mostra que a geração atual (*TikTok*) parece repetir a geração anterior, dado que ela pode ter uma profissão sem estudar (*YouTuber*, por exemplo) e pode melhorar nesta profissão estudando. Ou seja, nada diferente da geração anterior. No mesmo sentido, o desinteresse dessa geração *TikTok* pode estar atrelado ao modelo educacional em choque com sua realidade social:

No fundo, conscientes ou não, esses jovens ao mostrarem desinteresses pelas escolas transmissoras de conhecimentos, conteudistas, que primam em seus processos pedagógicos pela memorização, padronização e universalização, ao tagarelarem enquanto professores discursam, estão apontando a todos que o saber magistral, tal qual inventado nos últimos séculos, não funciona com esses jovens e com as sociedades que eles estão reinventando. Talvez estejam nos informando que o mundo mudou, que os processos pedagógicos e as escolas precisam mudar radicalmente (LUCENA; OLIVEIRA, 2014, p. 43).

Vemos, dessa forma, que há um embate entre como queremos aprender e como deveríamos ensinar. Mesmo com tanta oferta de aprendizado no mundo virtual, o jovem continua desinteressado e a escola, para ele, não representa mais um espaço de aprendizado, mas sim um retrato da educação estagnada em seus métodos tradicionais de ensino.

O advento de novas metodologias para a aprendizagem atreladas à tecnologia permite dinâmicas diferentes para o ensinar e aprender, que são recebidas pelos atores da educação (aluno, professor, escola) de formas diferentes.

Historicamente a construção do conhecimento no ambiente escolar sempre foi realizada por meio da assimilação de conteúdos e informações que muitas vezes são transmitidas pelos professores aos alunos de maneira descontextualizada do seu cotidiano e da sua cultura. Nesta perspectiva, os sujeitos aprendentes não são autônomos e nem incentivados a perceber a realidade que os cercam de maneira crítica. Esta postura, comportamento que a escola espera dos alunos, é muito diferente da maneira como eles estão aprendendo e interagindo com as culturas digitais (LUCENA; OLIVEIRA, 2014, p. 41).

Toda transformação social implica em transformação da cultura e, por consequência, da educação. Vivemos uma cultura ligada ao digital, que nos transporta

para diferentes espaços a todo momento, podendo estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, respondendo ao *WhatsApp* ao mesmo tempo em que se está em uma reunião via *Google Meet*, ligado em um *Webinar* e conversando com quem está ao lado.

No âmbito educacional isso tem grandes implicações, dado que os alunos estão assistindo a aula do professor ao mesmo tempo em que estão assistindo um vídeo no *YouTube* ou conversando via redes sociais virtuais (muitas vezes com o próprio colega da sala de aula, que ali está presente). Significa dizer que o uso das tecnologias faz parte do nosso cotidiano independente do lugar que estamos, o que evidencia a nova cultura dos indivíduos no meio social refletindo seu comportamento no ambiente escolar.

[...] a disseminação e uso das tecnologias aumenta de forma significativa cotidianamente criando novas formas culturais principalmente entre os jovens que estão presentes nas escolas e nas universidades. O que se percebe é a cada novo desenvolvimento de um meio de comunicação novas formas culturais são criadas pelos praticantes que se apropriam destes meios e recriam usos próprios (LUCENA; OLIVEIRA, 2014, p. 40).

Podemos observar que a nova forma cultural implica um novo uso dos recursos, sendo aprimorados por seus usuários, permitindo novas dinâmicas para a produção do conhecimento e da própria cultura.

Quando temos a informação de que o Brasil terá apagão de professores até 2040, nos perguntamos: se não haverá professor, quem vai ensinar? Quem vai produzir aquele vídeo do *YouTube* que explica com dinâmicas legais o mesmo conteúdo chato que se aprende na escola? É ele próprio, o professor... Isso implica que o alerta para o possível apagão de professores não significa simplesmente o déficit de profissionais para essa carreira, significa a necessidade de uma releitura do modo de aprender e ensinar, além do vício viciante e atenuado pelo uso da tecnologia sem limites, intensificado por nossos jovens, mergulhados na cultura digital.

## **2. A educação entre os extremos do avanço**

O Brasil vive uma constante adaptação aos métodos de ensino desde a missão jesuíta (1549) até a Base Nacional Curricular Comum (BNCC - 2017), ou seja, uma transitoriedade infinita da escola tradicional à escola nova, traçando novos instrumentos para o ensino, mas permanecendo no cenário tradicional.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) já nos mostrava a necessidade de novos métodos para o ensino, dando oportunidade ao aluno expressar seu conhecimento, de forma protagonista, antes mesmo de ministrar o conteúdo devido, algo como partir da prática à teoria, e não ao contrário.

Quanto à relação entre professor e aluno, a educação tradicional é magistrocêntrica, isto é, centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos. O mestre detém o saber e a autoridade, dirige o processo de aprendizagem e se apresenta, ainda, como um modelo a ser seguido (ARANHA, 2006, p. 158).

Como se pode observar, a escola tradicional traz o professor como o centro do processo ensino-aprendizagem, ministrando um conteúdo e fazendo o aluno tomar nota, cobrando deste o resultado em atividades avaliativas, que prezavam mais pela “decoreba” do que o aprendizado.

Esse cenário mudou ao longo dos anos, haja vista a necessidade de o aluno buscar conhecimento a partir dos temas a serem abordados em aula, sendo intensificado com o uso da tecnologia, algo recente em nosso país. É preciso concordar com a ideia de que a tecnologia, aliada à internet, no Brasil, tem seu início no século XXI, ou seja, pouco mais de vinte anos. No entanto, o uso da tecnologia na educação aliada a métodos inovadores é algo bem mais recente, perto de uma década, com grande ênfase nos últimos anos, dado o cenário pandêmico que vivemos com a Covid-19<sup>7</sup>.

Ainda hoje podemos observar que a escola é um misto de tradicionalismo e inovação acerca do método de ensino e estrutura educacional, não é mesmo? Mesmo que tenhamos os melhores recursos para educar, a estrutura física da escola e a figura do professor é a mesma. O professor continua sendo o detentor do conhecimento; e o aluno a figura que precisa ser ensinada; e as salas ainda possuem lousa e carteiras enfileiradas.

Na escola renovada o aluno é o centro do processo, existindo uma preocupação muito grande com a natureza psicológica da criança. Como a escolha dos conteúdos gira em torno dos interesses infantis, o professor se esforça por despertar a atenção e a curiosidade da criança, sem lhe cercear a espontaneidade. Dependendo da escola, existe maior ou menor *não-diretividade* [...] tornando-se o professor apenas um facilitador da aprendizagem (ARANHA, 2006, p. 167, grifo do autor).

---

<sup>7</sup> Cenário que forçou professores, alunos e instituições de ensino a migrarem para a aprendizagem remota, com o uso do computador, celular, internet, recursos tecnológicos e materiais diversificados, para atrair os alunos e inovar o processo de ensinar e aprender.



Atualmente, não se pode negar que o cenário da escola nova se faz presente no ensino, ainda mais com os recursos das metodologias ativas, temos sim um aluno mais antenado ao uso da tecnologia, um professor mais atento às novidades, novos materiais didáticos adequados à BNCC e com estratégias inovadoras para o ensino. Mas ainda se percebe uma resistência de todos os lados para, enfim, cortar os laços com a escola tradicional. Ainda vemos alunos não sendo protagonistas e, ao mesmo tempo, professores usando lousa e giz, lecionando da mesma forma que aprendeu quando era aluno. Agora, devemos estabelecer culpados? Ou entender que ainda estamos no processo?

Vivemos sim um misto de escola tradicional e escola nova, temos sim alunos e professores com perfil inovador e adeptos às novidades, escolas super modernizadas, com os mais recentes recursos tecnológicos. Porém, querem, os educadores, mudar a sua postura e cortar o laço? E os alunos, querem encarar essas novas oportunidades de aprender de forma mais simples, leve, inovadora e eficaz? Reconhecendo que a educação está buscando se adaptar ao aluno, à sua realidade do *TikTok*, à imediatez e a ansiedade para vislumbrar o novo.

Entre as diversas discussões que giram entorno da inovação no processo ensino-aprendizagem, podemos destacar a posição de Valente (2018, p. 27): “As metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e de aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, por investigação ou resolução de problemas”.

Conforme Valente (2018), há novas alternativas para ensinar e aprender, com o foco no protagonismo do aluno, o que reflete a perspectiva da escola nova, aliada à metodologia ativa, ou seja, sem a passividade do aluno da escola tradicional, trazendo para o processo de aprender o ponto principal da educação: a curiosidade, a dúvida, a descoberta, o problema que precisa ser resolvido, a reflexão que conduz a novos pensamentos e novos conhecimentos.

Com efeito, há possibilidades, as metodologias ativas não são a novidade, mas sim um dos caminhos para resgatar o aluno da passividade, trazer o professor como mentor do ensino sem precisar ser o centro do processo. Cabendo a escola preparar o cenário e receber o novo como oportunidade da mudança, necessitando, nesse momento, romper com o tradicional, superar o novo e se lançar ao inovador.

Lembrando uma frase da autora francesa Catherine Clément (2004), em sua obra “A viagem de Theo: romance das religiões”, podemos notar que o processo de conhecimento é se lançar à descoberta a partir de um gatilho: “A consciência da

ignorância é o começo da dúvida, que nos conduz à sabedoria”. Não nos espanta se aqui nos lembrar do adágio socrático<sup>8</sup> “sei que nada sei”, ou seja, é preciso reconhecer a ignorância, o não saber, para se lançar em busca do conhecimento. Isso é, partimos da dúvida e buscamos o conhecimento. Usando a metodologia ativa: partimos do problema e buscamos suas soluções, ou ainda, resgatando os princípios básicos da escola novista: partimos do conhecimento prévio do aluno e desenvolvemos, a partir daí, o conhecimento.

Nesse cenário, estamos passando eternamente por uma transição em nossa estrutura educacional, pois, temos antigos e novos alunos estudando ao mesmo tempo, temos novos e antigos professores lecionando ao mesmo tempo e, temos, por fim, escolas que mantêm as mesmas estruturas desde sua fundação como temos escolas modernas e inovadoras que, em partes, atuam diretamente com inovação e tecnologia na educação de forma eficaz, bem como temos escolas que possuem todas os mecanismos necessários, mas insistem em manter a tradição. Vivemos um paradoxo educacional?

Anísio Teixeira (1978, p. 101), no ano de 1968, publicava sua obra “Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola” e já alertava para as mudanças eminentes da sociedade e os reflexos para a educação:

A grande tarefa dos nossos dias é preparar o homem novo para o mundo novo, que a máquina e a ciência estão exigindo. Até agora, temos um homem ainda antigo, excedido e subjugado pela sua própria criação. A máquina, que o vem libertar, o está escravizando. O industrialismo, que lhe vem dar conforto e força, o está fazendo morrer à fome. A liberdade de julgamento pessoal e de autodireção o está asfixiando, transmutada em trágico tumulto de ideias e propósitos.

O reflexo atual dessa constatação não se diferencia do alerta mencionado, dado que permanecemos na constante tarefa de preparar o ser humano para o que está ocorrendo e para o que ainda irá ocorrer, ao mesmo tempo em que ficamos reféns da indústria 4.0 e toda sua inovação, aliada à grande tecnologia que se anuncia aos ventos do virtual: o famigerado Metaverso, tão desconhecido e tão aguardado, que nos faz projetar um protótipo de ser humano virtual em contraste com o ser humano real. Se bem que: será que ainda é possível separar o virtual do real? Imersos em tanta virtualidade, que já faz parte da nossa realidade, que fica difícil limitar tais fronteiras entre esses dois mundos.

---

<sup>8</sup> Sócrates, filósofo grego do século V a.C.

Teixeira (1978) já afirmava que as transformações na sociedade implicavam em mudanças no âmbito educacional, que era preciso adequar a educação à sua época, para preparar o indivíduo para a sociedade. Basta lembrar que Teixeira foi um dos pioneiros da educação nova no Brasil, o que nos leva a acreditar que seu ponto de vista estava sempre atrelado à concepção da Escola Nova, renovada, liberal, progressiva e transformadora:

A escola é o retrato da sociedade a que serve. A escola tradicional representava a sociedade que está em vias de desaparecer. É fácil demonstrar como todos os pressupostos em que a escola se baseava foram alterados pela nova ordem de coisas e pelo novo espírito de nossa civilização. A escola progressiva não pretende, por sua vez, apoiar-se senão nesses fatos e nessa nova mentalidade. Como a escola tradicional, ela é a réplica da sociedade renovada em que vivemos (TEIXEIRA, 1978, p. 37).

Em vista disso, a atualidade da educação é muito mais do que aplicar a BNCC e fazer uma leitura da sociedade, é reconhecer que estamos sempre em constante mudança e não será de imediato que iremos romper com a escola tradicional, viver a escola nova, e conceber a escola renovada com as metodologias ativas via BNCC. Ou seja, vivemos um eterno ciclo educacional, quase um paradoxo: permanecemos no novo e projetamos a inovação sem romper com o passado da educação (a escola tradicional).

### **3. Educação e mundo do trabalho**

Quando olhamos para a educação em sua prática escolar nos deparamos com, no mínimo, três gerações de professores:

1. os que estão para parar, no fim da carreira, cansados, sem energia para o novo e para o que há de mais atual, aplicando os mesmos métodos e mesmos conteúdos que os habilitaram a seguir na profissão;
2. os que estão no meio, não enxergam o fim e nem estão perto do começo, sempre em constante renovação, procuram estudar, se adaptar, se reciclar, não querem cometer os mesmos erros de seus professores, mas também não querem abrir mão da forma de como aprenderam a ensinar;
3. os novatos, que começaram agora, estão com energia, acreditam que as coisas não são como são, que é possível fazer diferente, que usam e querem

tecnologia, desejam aplicar novos métodos, fazer diferente e são desacreditados quando se comunicam com os professores em fim de carreira.

Essas gerações convivem no mesmo tempo, assistem às mesmas transformações da sociedade e da escola, no entanto possuem leituras diferentes para o momento. Ou seja, como podemos alterar a atual educação sendo que três gerações estão ao mesmo tempo no mesmo lugar trabalhando com os mesmos públicos, mas possuem visões diferentes e resistem à mudança definitiva?

Nessa perspectiva, será que teríamos que aposentar a geração 1, atualizar a geração 2 e apostar na geração 3? Ou devemos tomar consciência e compreender que a geração 1 sabe o que está equivocado, que a geração 2 entende o equívoco e quer fazer diferente, e a geração 3 que sabe o que tem que ser feito, mas ambos não tem o suporte da bússola que poderia orientar o caminho para a tão sonhada inovação educacional, ou, simplesmente, o romper com o passado e viver o presente em sua atualidade real e não projetiva.

Assim, por meio das mudanças que vêm ocorrendo no âmbito da educação, todo dia surgem novos desafios a serem superados pelos professores, ou seja, há uma exigência de mudança do paradigma conservador. Esse enfrentamento reflete na prática pedagógica deles, que também requer mudança por uma postura crítica, reflexiva e transformadora, abrangendo as metodologias de ensino e as práticas educativas (BLASZKO; CLARO; UJIE, 2021, p. 2).

O reflexo educacional é o próprio espelho da sociedade que se renova a todo momento e, cada vez mais, está se transformando a passos largos, reduzindo ano a ano o espaço de grandes saltos de desenvolvimento da nossa civilização. Nesse sentido, é possível sentir que as mudanças do mundo do trabalho estão alterando o processo educacional, exigindo pessoas mais eficientes, mais inteligentes, ágeis, proativas, que trabalhem muito e produzam resultado e não simplesmente produzam reflexão sobre o cenário, e sim novas visões de mundo para melhorar a produção.

Acerca das reflexões sobre o indivíduo no mundo do trabalho, podemos citar as do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (1959-), que faz uma leitura da sociedade atual e a intitula como a “sociedade do cansaço” atrelada a uma “sociedade do desempenho”, aquela que trabalha no ritmo 24/7 (24 horas por dia, 7 dias por semana), dentro de uma constante busca por resultado, fatigando-se em busca da meta.

Na sociedade do trabalho e do desempenho de hoje, que apresenta traços de uma sociedade coativa, cada um carrega consigo um campo, um campo de trabalho. A característica específica desse campo de trabalho é que cada um é ao mesmo tempo detento e guarda, vítima e algoz, senhor e escravo. Nós exploramos a nós mesmos. O que explora é ao mesmo tempo explorado. Já não se pode distinguir entre algoz e vítima. Nós nos otimizamos rumo à morte, para melhor poder funcionar. Funcionar melhor é interpretado, fatalmente, como melhoramento do si-mesmo (HAN, 2017, p. 115).

Podemos observar que a reflexão de Han nos leva a interpretar a sociedade atual, capitalista, como aquela que exige muito mais do ser humano em vista do resultado que ele pode entregar, mas não só sobre o proletário (empregado) e o burguês (patrão), dentro da perspectiva marxista, em que o proletário era explorado e o burguês o explorador. Agora, o que se vê é a autoexploração, o patrão que explora também é explorado por ele mesmo, em vista da busca de mais resultados, de cumprimento de metas, da busca pelo sucesso às custas da fadiga.

Esse cenário, levado ao âmbito educacional, poderia explicar o contraste da sociedade atual: há emprego, há setores da economia não preenchidos por profissionais, há novas vagas de emprego, em novas funções, mas o que não há é o profissional: qualificado para a função, estudado para a função, que aprendeu a profissão estudando, adquirindo conhecimento. Ou seja, há um novo mundo, mas não há um novo ser humano, capaz de habitar esse mundo da oferta, que lhe oferece muito, e que ele pouco pode aproveitar, dado que ele não está capacitado e preparado para mudanças tão bruscas na sociedade do desempenho.

Com isso, pode-se inferir que uma parcela dos atuais estudantes enxergam com desânimo o mundo do trabalho, olham para os estudos sem vontade de aprender ou porque não querem enfrentar o novo ou porque eles já temem o novo, já observam que muitas profissões deixarão de existir e outras ainda nem foram criadas, e todos enxergam nele o futuro brilhante para quem deverá governar essa sociedade transformada e transformadora. O jovem se frustra antes mesmo de começar a trabalhar: não vê perspectivas, só cobranças.

O jovem que não tem atração pelos estudos porque o método é maçante, a quantidade de aulas e conteúdo é algo imenso, utilizando a tecnologia somente para o divertimento, não consegue ver perspectiva pela novidade que a sociedade oferece. Ele não pensa que as oportunidades que estão por vir é para ele, para que ele as incorpore, ao

contrário, ele as toma como maçante, pois dependerá do esforço dele e ele já se vê cansado, antes mesmo de começar.

Nesse sentido, podemos dialogar com Moran (2013, p. 83), que defende o uso de metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem, mostrando uma mudança de postura, afirmando que a aprendizagem deve: “[...] ser significativa, desafiadora, problematizadora e instigante, a ponto de mobilizar o aluno e o grupo a buscar soluções possíveis para serem discutidas e concretizadas à luz de referências teórico-práticas”.

Dentro de uma mesma perspectiva, Mororó (2017, p. 42) entende que “[...] o professor precisa apreender em sua consciência a relação entre o objetivo da ação educativa e o motivo da atividade educativa na qual está envolvido, ou seja, o motivo da sua prática pedagógica”. Ou seja, há um caminho de mão dupla que envolve tanto o professor quanto o aluno dentro desse processo, não excluindo a responsabilidade da escola em promover o espaço para essa nova aprendizagem ou nova abordagem educacional.

O que temos é a evidente mudança de comportamento que deve acontecer tanto para aquele que ensina quanto para aquele que necessita ser ensinado e, no nosso atual cenário, o que se vê são as dificuldades de equacionar as demandas, o choque de gerações, a resistência à mudança e a falta de incentivos reais para romper com a escola tradicional e aplicar a escola nova.

Ressalta-se que a prática pedagógica inovadora possibilita que professores e alunos possam produzir, questionar, construir e criar conhecimentos. Além disso, favorece a construção de conhecimentos e experiências juntamente aos seus pares. Nessa seara fértil, é importante compreender a relevância do papel profissional do professor em uma comunidade, na sociedade e no mundo. (BLASZKO; CLARO; UJIE, 2021, p. 5).

Podemos compreender que o papel do professor é essencial dentro da dinâmica do ensinar e aprender, não só na escola, mas também na sociedade e no mundo. Esse papel pode ser tomado como base também para a compreensão do profissional que se quer formar, o aluno que deve ser ensinado para se tornar o profissional do futuro. Isso significa que o mercado de trabalho exige do indivíduo que ele tenha conhecimento, e tal pode ser adquirido de várias formas, seja na escola, seja no *TikTok*, seja no próprio trabalho. Se assim for, o profissional do futuro poderá voltar a esfera do profissional do passado, que aprendia trabalhando e buscava melhor formação estudando.

## Considerações finais

O paradoxo educacional se refere a oferta e a procura, isso é, a oferta de emprego e a procura por profissionais que possam ser empregados. Nesse cenário, a educação é a intermediária entre o empregador e o empregado, tendo o professor como o ser atuante nesse processo, pois ele ensinou o empregador e vai ensinar o empregado.

Assim, se dependemos do professor para ter o profissional, ao mesmo tempo que, só há professor porque tem professor, por que teremos um possível ‘apagão’ de professores? Nossa discussão buscou garantir o escopo do debate, receber tal informação e criticar o cenário atual da própria contenda, apontando para o caminho da reflexão, para a tomada de ações que procurem corrigir, o mais rápido possível, o rumo da sociedade, que passa pelos caminhos dos bancos escolares.

Se hoje não é mais preciso estar *in loco* para estar no local, então, por que ainda temos escolas, escritórios, livrarias, museus, etc.? Porque sempre estaremos em transição, avançamos sempre, sem sair do lugar, o pé de apoio sempre está no mesmo lugar ou, como dizia o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804): “o elefante dá um passo com uma de suas patas somente quando sente que as outras três estão firmes em pé” (OP, AA 21: 387, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Nossa sociedade avança a passos largos sempre visando o futuro, porém não se desprende do passado por medo do novo. A novidade assusta, ela assombra e o passado é concreto, pois já foi. O nosso presente é presente a todo momento, tornando-se passado a todo momento e o futuro é sempre o vir a ser. Então, é por isso que não rompemos nunca a barreira entre o velho e o novo? Porque o presente está sempre no meio, com um pé atrás e o outro no passo?

Questionamentos à parte, é preciso olhar sempre para frente não deixando de lado o passado, mas também, não podemos deixar de viver o presente e o utilizar como ferramenta para educar e seguir adiante!

## Referências

ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

---

<sup>9</sup> [...] wobei dann die Regel sein wird (nach dem schertzenden Spruch eines Philosophen) es zu machen wie die Elephanten die nicht eher einen der Füße einen Fuß weiter setzen als bie sie fühlen daß die andern drei feststehen (IV. Conv; Oktaventwurf 12-14, seite 387). Confira a edição traduzida: KANT, I. *Opus Postumum*. Cambridge: Press, 1993.

BLASZKO, C. E.; CLARO, A. L. de A.; UJIE, N. T. A contribuição das metodologias ativas para a prática pedagógica dos professores universitários. **Educação & Formação**, v. 6, n. 2, e3908, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/3908/3952>. Acesso em: 31 out. 2022.

CLÉMENT, C. **A viagem de Théo**: romance das religiões. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

G1. **Brasil pode enfrentar 'apagão de professores' em 2040, diz pesquisa**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/29/brasil-pode-enfrentar-apagao-de-professores-em-2040-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 14 out. 2022.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

INSTITUTO SEMESP. **Risco de apagão de professores no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/pesquisas/risco-de-apagao-de-professores-no-brasil/>. Acesso em: 14 out. 2022.

LUCENA, S.; OLIVEIRA, J. M. A. Culturas digitais na educação do Século XXI. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 14, p. 35-44, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3449/3012>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MORAN, J. M. Mudando a educação com metodologia ativas. *In*: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (Org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: UEPG/Proex, 2015. p. 15-33.

MORORÓ, L. P. A influência da formação continuada na prática docente. **Revista Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 36-51, 2017.

TEIXEIRA, A. S. **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. 8. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

VALENTE, J. A. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. *In*: MORAN, J. M.; BACICHI, L. (Org.). **Metodologias ativas para uma construção inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 26-45.

## Agradecimento

A Vivian Bonani de Souza Girotti pela leitura atenta e correções textuais, que muito contribuíram para a conclusão desta reflexão.

*Recebido em: 10/11/22*

*Aprovado em: 30/11/22*